

O CARDEAL CEREJEIRA, PAI E AMIGO DO SEU CLERO

1. Homenagem de gratidão

Foi-me solicitado que colaborasse na homenagem do Clero do Patriarcado ao Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento, com uma exposição sobre o pensamento do Cardeal Cerejeira a respeito do Clero.

De imediato aquiesci ao pedido. E confesso que, embora ele viesse de instâncias superiores, não foi por mero espírito de obediência que o aceitei; nem tão pouco, por haver honra na escolha do meu nome para esta difícil tarefa; foi, sobretudo, por um impulso que me veio do mais fundo do coração: um misto de saudade e gratidão, perante a figura do Cardeal Cerejeira.

Posso mesmo acrescentar: o que vai dizer-se, mais que resultado da investigação documental e da elaboração racional, é, fundamentalmente, fruto da intuição afectiva e da memória cordial, escrito, como foi, com mãos movidas pelo coração. S. Paulo diria: é um texto escrito mais com o coração do que com a tinta (cf. 2 Cor 3, 2-3).

E dizer «coração» é falar de amor; no caso presente, um amor feito de imensa gratidão e profunda saudade. Permito-me observar que, quem assim se exprime, é um padre que foi formado na escola do Cardeal Cerejeira e ordenado pela imposição das suas mãos, nos tempos áureos do seu longo episcopado; é um padre que foi seu directo colaborador na formação teológica de várias gerações de sacerdotes, ao longo de 13 anos de ensino no Seminário dos Olivais, o mais querido dos seus Seminários.

Mas num trabalho de investigação documental, com necessidade de pesquisa de dados, impõe-se dar voz à razão e respeitar as suas exigências críticas.

Procuraremos, por tal motivo, acompanhar de perto os escritos do Homenageado, que tenham interesse para a matéria, seleccionando-os e agrupando-os segundo os critérios que parecerem mais convenientes.

A nossa pesquisa far-se-á, quanto possível, com olhar diacrónico; ou seja, numa perspectiva histórico-evolutiva, de modo a podermos determinar a marcha de um pensamento que, embora se mostre amadurecido desde o princípio, nem por isso deixou de se enriquecer ao longo dos anos, numa atenção constante às exigências do ministério e aos apelos do momento.

2. Os textos e suas circunstâncias

Nos sete volumes das *Obras Pastorais*, que correspondem às quatro décadas do episcopado de D. Manuel Gonçalves Cerejeira como Patriarca de Lisboa (desde 1929 até 1971), estão publicados mais de 300 textos, entre pastorais, homilias, mensagens, alocações e outros documentos¹.

Mas, conforme oportunamente se adverte na abertura do 3.º volume (1947), a estes documentos haveria que acrescentar toda a riqueza doutrinal dos seus muitos improvisos, proferidos nas mais diversas circunstâncias, nomeadamente por ocasião dos retiros espirituais do Clero e das suas repetidas visitas aos Seminários Diocesanos.

¹ Estes 7 volumes das *Obras Pastorais* (ed. da União Gráfica, Lisboa, com diversas datas) têm a seguinte ordenação cronológica: vol. I (1936): 1928-35; vol. II (1943): 1936-42; vol. III (1947): 1943-47; vol. IV (1954): 1948-53; vol. V (1960): 1954-59; vol. VI (1964): 1960-63; vol. VII (1970): 1964-70. Citaremos com a sigla *OP*.

No I volume incluem-se alguns textos do tempo em que D. Manuel Gonçalves Cerejeira era ainda Arcebispo de Mitilene, cargo para que foi nomeado em Março de 1928 (a sagração foi a 17 de Junho; e a apresentação oficial no Patriarcado a 20 de Agosto do mesmo ano).

Já no fim da vida, em olhar retrospectivo, escreveu Sua Eminência: «Andam por aí publicados sete volumes da obra pastoral escrita. Se me fosse lícito assim classificá-la, defini-la-ia de apostolado profundamente humanístico. Atento aos sinais dos tempos, tenho procurado, no limite das minhas poucas capacidades, seguir o pensamento e a linguagem do que passa (ficando sempre, porém, Cristo e a Igreja). Velho já, esforcei-me por não envelhecer nem nas ideias nem no estilo — e acrescentarei — nem no amor» (*D. Manuel Gonçalves Cerejeira — Patriarca de Lisboa, In Memoriam*; edição do Patriarcado, 1977, 46).

Também se deve registar que no VI volume, que abrange os anos de 1964 a 1970, não se inserem alguns escritos desse período, por se entender que já estavam publicados em livros à parte.

Têm estes os títulos seguintes:

- *Cartas de Roma*, sem data, mas correspondentes aos quatro anos que durou o Concílio Vaticano II (1962-65);
- *Na Hora do Diálogo*, depoimento lançado em 1967;
- e, por fim, *A Crise da Igreja*, 1969, opúsculo de grande importância doutrinal, por nele se publicarem as palestras feitas em reuniões do Conselho Presbiteral do Patriarcado, respectivamente nos dias 4, 5 e 6 de Março, e 1 e 2 de Julho, de 1969².

De todo este vasto e precioso material, notável pela riqueza da doutrina, pela beleza da forma e pela originalidade do estilo, seleccionámos uma trintena de textos, boa parte deles com a data de 18 de Novembro. A circunstância explica-se pelo costume de o Pastor receber os cumprimentos do Clero, nesse dia, aniversário da sua nomeação para Patriarca³.

De facto, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, nomeado auxiliar de D. António Mendes Belo, com o título de Arcebispo de Mitilene, em Março de 1928, foi escolhido para seu sucessor em 18 de Novembro do ano seguinte.

Ao longo das quatro décadas de ministério episcopal como Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, sempre atento aos sinais dos tempos, tratou dos mais diversos aspectos da vida da Igreja e da história dos homens, nos seus contactos com o clero.

Umás vezes, os temas interessavam genericamente à missão eclesial do padre, sem tocarem em problemas especificamente sacerdotais. É assim que falando a padres, o vemos a reflectir sobre assuntos da actualidade, tais como: a Acção Católica (1933, 1938); a situação da Igreja no regime de Concordata (1941); a Igreja e a

² Todas estas edições são da União Gráfica, Lisboa. Ver bibliografia completa em MOREIRA DAS NEVES, *Cardeal Cerejeira*, 1988, 225-229.

³ Por uma vez, em 1938, a audiência foi antecipada para 11 de Novembro; e, por duas vezes, em 1953 e 1956, foi adiada para 29 daquele mês, aniversário natalício de D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Ordem Nova (1942); a Igreja e o Estado Novo (1946); algumas tentações do nosso tempo (1953); as «misérias» da Igreja (1955); e, de novo, a situação da Igreja em Portugal (1956), quando, em certos meios já se fazia sentir algum mal-estar, por causa do aparente compromisso, se não activo, pelo menos passivo, da parte da Igreja, em relação ao regime político então vigente no País.

3. Uma preocupação permanente: o Clero

Mas a grande preocupação do Cardeal Cerejeira foi sempre o Clero: os «seus» padres. Esses padres, que são «a luz das consciências»; esses padres, que lançam «sementes de renovação permanente» neste nosso mundo, para embelezarem o velho tronco humano com flores sempre novas de pureza, de bondade, de justiça, de paz e de amor; esses padres que, perdidos no meio do povo, são heróis escondidos na generosa doação de si mesmos, «sem glória nem alarde, com a magnífica simplicidade de quem cumpre o dever mais natural», num «heroísmo obscuro, humilde, ignorado dos outros e ignorado de si próprio»⁴. Estes os padres heróis desconhecidos, foram a primeira e a última grande preocupação do Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Ele mesmo o confessou em palavras ditas aos membros do Conselho Presbiteral de 1969.

Já com o seu pedido de resignação pendente na Santa Sé, o que então disse tem o sabor de uma despedida. É um olhar para trás, reconstituindo o caminho já percorrido, desde esse longínquo 18 de Novembro de 1929. Começou assim:

«Num velho programa de acção episcopal, que tem tantos anos quantos eu de Patriarca, escrevi de toda a minha alma sacerdotal, o seguinte: '— Clero. — Fazer do Clero a preocupação principal do meu Pontificado. Dar-me-ei todo a ele. Amá-lo de todo o coração, pelo amor e dedicação com que o sirvo — a fim de o dar ao Coração do Senhor. Que sintam que podem contar comigo, que os amo, que sofro com os seus sofrimentos. Que vejam em mim o mestre em que podem acreditar, o médico a quem podem entregar-se, o pai que os ama desinteressadamente, o amigo com quem podem contar'».

⁴ Cf. *Saudação ao Clero no primeiro aniversário da eleição para o Patriarcado* (18 Nov. 1930); *OP* I, 44 e 49.

O «velho programa», a que o texto se refere, constava de um «caderno íntimo», guardado no espólio inédito do Cardeal Cerejeira⁵. Mas esta profissão de amor e solicitude pelos sacerdotes é uma presença permanente em escritos que vieram a lume nas *Obras Pastorais*. Cumpria, assim, o compromisso que publicamente assumiu, no início do seu pontificado, conforme transparece de uma carta dirigida ao então Governador do Patriarcado, no dia 22 de Janeiro de 1930, data da tomada de posse da Diocese, por procuração⁶. Ela foi escrita em Paray-le-Monial, pormenor que bem ilustra a espiritualidade do recém-eleito Patriarca de Lisboa. Na parte que agora nos interessa pode ler-se:

«Reservo no dia de hoje, no mais íntimo do meu coração, um pensamento de especial ternura para o meu Clero (...). Por ele especialmente me ofereço ao Coração misericordioso do Senhor (...). O Clero constitui, desde hoje, a minha família no Coração de Cristo»⁷.

O episcopado do Cardeal Cerejeira foi um acto permanente de amor aos membros do seu Presbitério. Entrou no Patriarcado a amar os «seus» padres, e dele saiu com reafirmado amor aos «seus» padres. O primeiro e o último pensamento do seu coração de bispo foi para os que Deus lhe dera como colaboradores imediatos do seu ministério episcopal, conforme o atesta o seu Testamento⁸. Como começou, assim acabou: a amar os «seus» padres.

⁵ Texto extraído de *A Crise da Igreja. Conferências ao Conselho Presbiteral* (1969), 29.

A expressão «caderno íntimo» aparece num escrito do Cardeal Cerejeira, publicado em *In Memoriam*, 44.

⁶ *OP I*, 271-274.

⁷ *Ibid.*, 272 e 273. A parte transcrita é citada pelo próprio na «Saudação ao Clero», por ocasião do primeiro aniversário da nomeação para Patriarca de Lisboa (*OP I*, 31 e 32).

⁸ «Entre todos os que o Senhor, por intermédio do Seu Vigário, me confiou, ponho em lugar de eleição, no oferecimento da minha vida, os queridos sacerdotes. Bem desejaria no céu interceder até ao fim do tempo por que Deus os guarde, os santifique, os multiplique, de tal sorte que se diga na terra que é o Senhor que passa neles santificando os homens. (...) E se bem que não mereça, gostaria de ter merecido este título: um bispo que amou o seu clero» (extracto do Testamento, redigido em 7 de Janeiro de 1950; texto em *In Memoriam*, 56).

Não se estranhe esta insistência no verbo *amar*; ela é exigida pela fidelidade aos textos. Logo na sua primeira «saudação» ao Clero escreveu D. Manuel Gonçalves Cerejeira:

«Negar-nos-íamos a Nós mesmos (...) se vos não amássemos a vós. Para o vosso Bispo, amar-vos é seu dever episcopal. É o amor com que nós amamos a Jesus, a fiança do amor com que vos amamos a vós; e se mais amamos a Jesus mais vos amaremos a vós também»⁹.

Muito mais tarde, comentando estes protestos de amor ao seu Clero, haveria de explicar:

«Amá-lo de todo o coração. Amá-lo, escrevi eu. Era preciso levantar o seu prestígio aos seus próprios olhos e no conceito público. Isto importava novo estilo de relações Bispo-Padre: mais pessoais, mais fraternas, mais confiantes, mais frequentes»¹⁰.

Não admira, por isso, que os padres tenham sido como a menina de seus olhos. Amava-os com coração de pai e procurava formá-los com inteligência de mestre. Se o bispo é pai e mestre em relação a todos os seus diocesanos, muito mais o será em relação àqueles que ele gerou no sacramento da Ordem, para serem seus colaboradores directos no ministério pastoral.

A actividade docente do Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira dificilmente encontra paralelo no seu tempo, tanto na quantidade como na qualidade. Por escrito ou de viva voz, Gonçalves Cerejeira foi um insigne mestre na arte de formar os espíritos com a luz da sabedoria cristã. Na linguagem dos antigos, ele bem merece a honra de ser chamado *pater in fide*.

Mas impõe a justiça reafirmar que os padres foram, sem dúvida, os seus mais dilectos discípulos. Ele estava consciente de que formar bons padres, segundo os princípios permanentes do Evangelho e as exigências próprias do momento, em sintonia com o pensamento da Igreja, que é a voz do Evangelho no tempo, é garantir a formação de leigos esclarecidos, responsáveis e generosos, sempre prontos para corresponderem ao ideal evangélico de santidade, no mundo em que vivem, e colaborarem com os seus pastores nas causas do apostolado cristão.

⁹ OP I, 34 e 54.

¹⁰ Texto em *In Memoriam*, 44.

4. Reconstruir um edifício em ruínas

Foi sonho do Cardeal Cerejeira formar um novo tipo de padre, e assim levantar o prestígio do Clero, aos seus próprios olhos e no conceito público¹¹. A tarefa era tanto mais urgente e difícil, quanto mais desacreditado estava o Clero, mormente o Clero diocesano, num país cuja literatura, desde há dois séculos, destilava o mais verrinoso anticlericalismo. Por variadas razões histórico-culturais, o catolicismo português é profundamente anticlerical. E até há quem diga que o pior anticlericalismo vem dos próprios membros do Clero.

Mas o caso é que o novo Patriarca aceitou o desafio. E, à distância, podemos garantir que o aceitou com merecido êxito, apesar das provações do final da jornada tão longa da sua vida.

Era como reparar de raiz um edifício em ruínas. Por fora, os estragos do anticlericalismo, não raras vezes alimentado e agravado pelo insensato compromisso político-partidário de alguns padres. Por dentro, o vazio criado pela falta de estruturas (a Diocese envelhecia no velho Seminário de Santarém) e pelo complexo de inferioridade, social e eclesial, do Clero diocesano, então considerado «uma espécie de plebe do Clero»¹².

Impunha-se reparar o edifício, começando por dar-lhe novos e sólidos fundamentos. S. Paulo adverte que, na obra da salvação, nenhum sábio arquitecto pode colocar outro fundamento que não seja o próprio Salvador, Jesus Cristo. Mas logo acrescenta que, sobre este primeiro fundamento, de valor divino, uns põem materiais preciosos, como o ouro e a prata, enquanto outros põem materiais pobres, como o feno e a palha. A prova do fogo (hoje diríamos: a prova do tempo) mostrará o que vale o trabalho de cada um (cf. 1 Cor 3, 9-15).

O Cardeal Cerejeira, ainda novo em anos mas já maduro no sentido da realidade, cedo se apercebeu, qual «sábio arquitecto», de que materiais precisava a Igreja de Lisboa para se reconstruir das ruínas.

¹¹ *Loc. cit.*

¹² Ver *Saudação ao Clero no primeiro aniversário da eleição para o Patriarcado* (18 Nov. 1930): *OP I*, 49.

A situação era «quase desesperada», muito mais grave do que parecia a princípio. Por falta de sacerdotes, o Evangelho já não era pregado à maioria da população do Patriarcado. «A continuarem as coisas assim, escrevia o novo Patriarca numa das suas primeiras *Cartas Pastorais*, não virá longe o tempo em que a nossa terra cristã estará de todo convertida num cemitério de gloriosas tradições católicas e apostólicas, como aquelas brilhantes igrejas mortas do norte de África, que foram alumiadas pelo génio de Santo Agostinho»¹³.

Para acudir a tão grave situação religiosa, o seu coração de pastor inspira-lhe que recorra, entre outros, a três instrumentos, que lhe parecem de fundamental importância:

— o primeiro, de ordem institucional, foi a criação de novos seminário;

— os outros, de carácter existencial e vivencial, foram: por um lado, os seus insistentes apelos ao cultivo de uma santidade especificamente sacerdotal; e, por outro lado, os seus repetidos esforços para libertar o Clero de quaisquer compromissos temporais, nomeadamente no âmbito da política, em ordem à criação de novo tipo de padre, com um modo próprio de estar na Igreja e no mundo.

5. A criação de novos Seminários

Quando, em 1929, D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi nomeado Patriarca de Lisboa, a Diocese dispunha apenas do velho Seminário de Santarém, que era então frequentado por cerca de 180 alunos¹⁴.

Meia dúzia de anos depois, o panorama começava a ser completamente diferente. Funcionavam três Seminários, já com um total de mais de 300 seminaristas do Patriarcado: 200 em Santarém, 37 em Almada e 67 nos Olivais¹⁵. Esse total subiria para mais de 500 em 1947¹⁶.

Quem muito queria ao seu Clero muito devia querer também aos seus Seminários. O Cardeal Cerejeira teve a felicidade de ver

¹³ *Carta Pastoral sobre o problema do Clero* (1935), OP I, 143.

¹⁴ Informação contida na *Carta Pastoral* de 1 de Nov. 1948: OP I, 52-53.

¹⁵ Cf. *Carta Pastoral sobre o problema do Clero* (1935): OP I, 152-157.

¹⁶ Cf. *Carta Pastoral* de 1 de Nov. de 1948: OP IV, 53.

os seus Seminários «pujantes de vida e de promessa», cheios de jovens que na alvorada da juventude se deixaram enamorar do «Amor Formoso». «Na sua fidelidade, na sua renúncia, no seu trabalho, no seu estudo, na disponibilidade do seu coração generoso e heróico», era já o Reino que amadurecia¹⁷.

Mas não bastava ter casas novas. Para formar padres novos, novos sobretudo de alma, era imprescindível levar um espírito novo aos Seminários. Esta mudança foi mais visível no recém-criado Seminário dos Olivais. Contando com a colaboração de uma Equipa extraordinária de formadores — os Padres dos Sagrados Corações, sob a orientação superior de Mons. Pereira dos Reis — D. Manuel Gonçalves Cerejeira desceu ao pormenor de chamar a si a redacção dos *Estatutos* deste Seminário, na parte directamente formativa¹⁸. Neles, tudo aponta para a formação de homens sãos, cristãos, perfeitos e padres exemplares, dominados pelo amor de Jesus Cristo e da Santa Igreja e fortalecidos pelo alimento sólido da liturgia.

A quem perguntar que tipo de padre queria o Cardeal Cerejeira, diga-se-lhe que leia os *Estatutos* do Seminário dos Olivais, sobretudo na parte referida; mas que não se limite a lê-los no papel; que os leia também na vida exemplar de tantos sacerdotes que, formados nessa escola, animados desse espírito, delicadamente têm servido a Deus e à Igreja, como ministros de Jesus Cristo, prontos para toda a obra boa (cf. 2 Tim 2, 21), no Patriarcado de Lisboa e noutras Dioceses do País.

6. A santidade sacerdotal

Isto leva-nos a falar da santidade que deve alindar e perfumar a vida toda dos sacerdotes. Ainda hoje, passados mais de 50 anos, impressiona a insistência com que o Cardeal Cerejeira, desde os seus primeiros escritos, apela à santidade sacerdotal. *Oportune et importune*, a propósito e fora de propósito (cf. 2 Tim 4, 2).

¹⁷ Cf. D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, na introdução ao opúsculo *O Seminário Terra de Promessa*, editado pela «Obra das Vocações Sacerdotais» do Patriarcado (sem data). Refira-se, a propósito, que D. Manuel Gonçalves Cerejeira imprimiu grande impulso a esta «Obra das Vocações», a partir de 1935, ano da *Pastoral sobre o problema do Clero*: aqui anuncia que novos estatutos lhe são dados, «em vista a organizar uma verdadeira cruzada de oração e meios, em favor do Clero novo» (OP I, 170).

¹⁸ Texto em OP III, 267-281.

Falava dela — da santidade sacerdotal — antes demais, ao próprio Deus, na sua oração fervorosa pelos padres. Quem se não lembra das suas longas noites de oração, na antiga capela do Seminário Maior, durante os retiros espirituais do Clero? A oração pelos sacerdotes constitui, mesmo (pode dizer-se), uma das mais salientes características da espiritualidade episcopal do Cardeal Cerejeira, desde o início do seu pontificado.

Em carta dirigida ao Vigário Geral do Patriarcado, no dia da tomada de posse por procuração, a 22 de Janeiro de 1930 — carta escrita em Paray-le-Monial, após uma visita à Capela das Aparições a Santa Margarida Maria Alacoque — o novo Patriarca faz esta confidência:

«Reservo no dia de hoje, no mais íntimo do meu coração, um pensamento de especial ternura para o meu Clero (...). Hoje o coloquei espiritualmente na patena e no cálice do Sacrifício (...). Para ele peço hoje, com todo o fervor de que sou capaz, todas as graças do Coração de Jesus. Que o Senhor viva nele, a fim de que, pelo seu ministério, passe de novo entre os homens, ensinando, perdoadando, consolando, sacrificando, reatando os laços do amor entre Deus e os homens».

E, já no fim, acrescentava:

«Peço que me perdoem a minha demora (...). Não tenho andado ocioso, nem o meu silêncio é esquecimento. Deixem-me rezar e invocar, junto dos túmulos de Santa Teresinha e de Santa Margarida Maria, a protecção divina, para que eu possa ser útil a todos, servindo a Deus e à Pátria»¹⁹.

Apetece observar que a nomeação de D. Manuel Gonçalves Cerejeira para Bispo da grande diocese, que era Lisboa, provoca nele um decisivo mergulho no Mistério de Deus, pelas mãos amigas de Santa Teresinha e de Santa Margarida Maria.

Esta menção, na referida carta, da Santa de Lisieux e da Vidente de Paray-le-Monial está na origem de uma espiritualidade que se inspirava no caminho da «infância espiritual», e se alimentava da devoção ao Coração de Jesus Cristo. Quantos tivemos a dita de ouvir o Cardeal Cerejeira, em conferências aos padres, nos retiros, ou em alocações aos alunos dos Seminários, podemos recordar que ele procurava transmitir-nos uma espiritualidade que

¹⁹ OP I, 272-273, 274.

se forjava em sentimentos de filial confiança e terna afeição, e se exprimia numa linguagem, ao mesmo tempo, lírica e mística. Do princípio ao fim, o Prelado sempre gostou de ver na Igreja a Esposa Imaculada de Cristo e dos seus ministros sagrados, e no celibato, a sublimação do amor humano, pela sua consagração Aquele que é o «Amor Formoso»²⁰.

O Cardeal Cerejeira falava a Deus da santidade sacerdotal. Mas, obviamente, falava dela, também, aos próprios interessados, os seus queridos padres. Antecipando-se, de algum modo, aos ensinamentos do Concílio Vaticano II, no qual, aliás, viria a participar activamente, o Patriarca de Lisboa aproveitava todas as ocasiões para repetir que a santidade do padre é dever que deriva da própria dignidade e missão sacerdotais²¹. Entendia mesmo que o chamado «clero secular» não é menos obrigado à santidade que o «clero religioso, em virtude da sua missão de sal da terra e luz no mundo, no meio dos homens»²². E ia ao ponto de protestar contra o preconceito de ver nos padres diocesanos «uma espécie de plebe do Clero»²³, porquanto, afirmava, o sacerdócio ministerial, por si só, é mais exigente de santidade que o estado religioso²⁴.

A este propósito, D. Manuel Gonçalves Cerejeira citava frequentemente aquele grande arauto da santidade sacerdotal, que foi o Cardeal Mercier. É um nome que nos habituámos a ouvir na boca

²⁰ Ver os seguintes documentos: *Carta ao Clero sobre a acção política e social*, de 18 Nov. 1932: *OP I*, 96; *Carta Pastoral Ainda o problema do Clero*, de 1 Nov. 1948: *OP IV*, 71; *Alocução sobre O Padre e a hora actual*, de 18 Nov. 1949: *OP IV*, 216, 219-220; *Alocução sobre Algumas tentações do nosso tempo*, de 29 Nov. 1953: *OP IV*, 237; *Alocução sobre As nossas desilusões*, de 18 Nov. 1957: *OP V*, 188-189; Conferências ao Conselho Presbiteral de 1969: *A Crise da Igreja*, 43-45, 57-59.

²¹ *OP I*, 50. Compare-se esta doutrina com os ensinamentos do Concílio Vaticano II, no Decreto *Presbyterorum Ordinis*, sobretudo nos n.º 3, 12 e 13.

²² *OP I*, 50.

²³ *OP I*, 49. Ver também «Carta Pastoral sobre o problema do Clero», 1935: vol. cit., 167-168.

²⁴ «Como S. Tomás ensinou, o sacerdócio exige de *per se* maior santidade que o próprio estado religioso (...). É preciso radicar na alma e na consciência dos fiéis (aqui mais por actos que por palavras), que o sacerdócio é o estado mais sublime que existe na Igreja; que a perfeição é devida no sacerdote por título mais alto que no próprio estado religioso. Não estamos falando contra as vocações religiosos (...). Falamos contra o conceito diminuído, falso, do Clero secular» (*Carta Pastoral sobre o problema do Clero*, de 8 de Dez. de 1935: *OP I*, 167-168).

do venerando Prelado. Encontramos nos seus escritos esta citação do Bispo de Malines:

«Vós pertenceis à primeira Ordem religiosa estabelecida na Igreja; o vosso Fundador foi Nosso Senhor Jesus Cristo; os primeiros religiosos da sua Ordem foram os Apóstolos; os seus sucessores são os bispos, e, em união com eles, os sacerdotes todos»²⁵.

Esta evocação do nome do Cardeal Mercier, para ilustrar o empenho que D. Manuel Gonçalves Cerejeira punha na relação entre o sacerdócio ministerial e a perfeição cristã, faz lembrar que a sua doutrinação não foi bem aceite por todos. Religiosos houve que viram nela o perigo da desvalorização do tradicional estado religioso. É sabido que entre 1949 e 1951 um ilustre membro da Companhia de Jesus, o irrequieto e culto P. Agostinho Veloso, publicou uma série de artigos, a denunciar o que ele mesmo classificou de «francesias suspeitas», ao mesmo tempo que procurava fazer uma interpretação correcta (segundo o próprio) do pensamento do Cardeal Mercier²⁶.

A preocupação do Cardeal Cerejeira pela santificação dos seus padres mereceu mesmo uma *Carta ao Clero sobre a santidade sacerdotal*²⁷. Tem a data de 18 de Novembro de 1931, e foi escrita na sequência do último retiro dos padres, no verão desse ano, sob a orientação do tão conhecido P. Mateo. Depois de repetir o apelo à santidade, insiste na ideia de que, para os padres, a santidade é consequência da sua missão sacerdotal, pelo compromisso da identificação com Jesus Cristo.

²⁵ *Saudação ao Clero no primeiro aniversário da eleição para o Patriarcado* (18 Nov. 1930): *OP I*, 52; o texto citado do Card. Mercier encontra-se na sua famosa *La Vie Intérieure*, 195-196.

²⁶ Ver A. VELOSO, «Francesias suspeitas», in *Brotéria*, 49/5 (1949/Nov.), 454-472; «O problema da vocação religiosa, no pensamento do Cardeal Mercier», in *Brotéria*, 50/2 (1950/Fev.), 154-181; «Clero Diocesano e Clero Regular. 1) Esclarecimento oportuno», in *Lumen*, 14 (1950/Maio), 309-342 (este artigo de A. VELOSO é resposta a um de M. O., «Clero Diocesano e Clero Regular», no mesmo número desta revista, 116-139); segue-se: 2) «Breve comentário» de P. MIGUEL DE OLIVEIRA, 329-342; «O 'sinal' da santidade», in *Brotéria*, 52/3 (1951/Março), 265-274.

Talvez não tenha sido por acaso que o Cardeal Cerejeira explicitou longamente o seu pensar sobre a santidade sacerdotal e a santidade religiosa, alguns meses depois deste último artigo, em alocução ao Clero diocesano e ao Clero religioso, no dia 18 de Novembro de 1951 (*OP IV*, 221-231).

²⁷ *OP I*, 63-86.

Ele não queria padres medíocres; queria-os heroicamente santos. Citando Papini, dizia que, a queixar-se, seria, não da corrupção de Cristo, mas da sua mediocridade²⁸. É que «o padre 'amanuense' de Cristo de certa literatura, o padre aburguesado sem a paixão do amor», esse não tem razão de ser nem para a Igreja nem para o mundo²⁹.

E repetia, em termos tão afectuosos como patéticos:

«O vosso Bispo é cioso da vossa santificação (...). Queremo-vos santos, ó Irmãos do nosso Sacerdócio, para que Jesus Cristo seja glorificado em vós»³⁰.

Anos mais tarde, quando já se vivia no alvoroço das reformas anunciadas para o Concílio, e muito se falava da urgência de aprofundar a identidade do sacerdote e de rever o seu estatuto eclesial e social, ele sentia o dever de advertir que a grande, a permanente, a única reforma a fazer no Clero é que os padres sejam santos³¹.

Mas santos, como? Antes de mais, repete ele, pela dignidade do exercício do próprio ministério sacerdotal, fonte de graça para os outros e meio de santificação para o próprio. Mas também, santos pela estima de certas virtudes mais necessárias aos sacerdotes, particularmente a pobreza, a obediência e a castidade³².

No que respeita à prática da pobreza, vem a propósito referir duas iniciativas ligadas ao episcopado de D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Foi a primeira, a publicação do documento sobre o regime de rendimentos do Clero do Patriarcado, com a criação do «Fundo Diocesano do Clero», em 1961³³; e a outra, a criação da «Fraternidade Diocesana de Assistência e Previdência do Clero», em 1967³⁴.

²⁸ Alocução ao Clero sobre «O Padre e as exigências do nosso tempo», em 18 Nov. 1948: *OP IV*, 202-203. Ver também a alocução ao Clero sobre «As 'misérias' da Igreja», em 18 Nov. 1955: *OP V*, 145-147.

²⁹ Alocução sobre «O Padre e a hora actual», em 18 Nov. 1949: *OP IV*, 217.

³⁰ *Carta ao Clero sobre a santidade sacerdotal*, de 18 Nov. 1931: *OP I*, 72.

³¹ Alocução ao Clero sobre «A santidade sacerdotal», em 18 Nov. 1960: *OP VI*, 62.

³² Sobre a pobreza: *OP I*, 46 e 96; *IV*, 206. Sobre a obediência *OP V*, 187-188; *VII*, 27-30; *A crise na Igreja* (1966), 32-34. Sobre o celibato sacerdotal: *OP IV*, 219-220; *V*, 188-189; *A crise na Igreja*, 43-45.

³³ Ver *OP VI*, 69-93.

³⁴ Ver *OP VII*, 44.

O ideal era sempre o mesmo: contribuir, segundo palavras suas, para que os padres fossem «apostolicamente zelosos», pelo seu desinteresse de todos os bens do mundo, ocupados, como deviam estar, unicamente da glória de Deus e da salvação das almas³⁵.

Neste capítulo, não se pode esquecer o empenho que o novo Patriarca pôs no regresso dos padres que andavam afastados. Ainda hoje nos comove a forma delicada como se lhes referiu, na carta que escreveu de Paray-le-Monial, no dia da sua tomada de posse, por procuração, em 22 de Janeiro de 1930:

«Neste momento penso particularmente em todos os que, em momento de tentação, abandonaram o Senhor, trocando as alegrias puras que lhes oferecia um Coração Divino, pela embriaguez impura das enganosas afeições humanas (...). Desde que eles se perderam, não houve mais festa na casa paterna. O seu lugar à mesa está ainda vazio. O pai espera-os sempre: e a ausência, e a sua desgraça, abriram-lhe no coração uma ferida. Oh! daqui de joelhos lhes digo que voltem depressa à casa do Pai»³⁶.

E foi também de joelhos que o saudoso Prelado diz haver escrito uma carta a estes padres, convidando-os a participarem no retiro pregado ao Clero do Patriarcado, pelo P. Mateo, de 3 a 8 de Agosto de 1931³⁷. Terminava assim :

«Querido Padre, o seu Bispo (...) oferece-lhe o perdão e a amizade de Jesus; e pessoalmente oferece-lhe o seu próprio coração para compreender a fraqueza humana, a sua alma para consigo chorar o passado e abençoar o futuro e sempre louvar a Deus, e o seu braço para o ajudar em tudo o que puder»³⁸.

³⁵ OP I, 96; da *Carta ao Clero sobre a acção política e social* (ib., 87-99).

³⁶ OP I, 273. Repare-se num interessante pormenor literário. O inciso desta carta de 1930: «Não houve mais festa na casa paterna. O seu lugar está ainda vazia. O pai espera-os sempre» parece ter inspirado, 38 anos depois, a redacção da parte final do Decreto Patriarcal que, em 1968, exonerou das suas funções o então pároco de Santa Maria de Belém e S. Francisco Xavier. Como em ressonância, pode ler-se neste Decreto: «Esperamos ansiosamente este dia (o dia do regresso do referido sacerdote) — e haverá nele festa pascal em toda a Igreja de Lisboa (...). Na casa do Pai estará (...) sempre posto o seu prato à mesa familiar, à espera que volte» (Decreto de 2 de Nov. 1968).

³⁷ OP I, 275-277. Esta dolorosa preocupação pelos que se afastaram do ministério volta a manifestar-se na *Carta ao Clero sobre acção política e social*, de 18 Nov. 1932 (OP I, 87-99): «No dia de redenção em que voltem, haverá novamente festa na casa paterna» (90).

³⁸ OP I, 276-277.

Por detrás da beleza literária destes apelos, esconde-se um coração de pai e uma alma de santo. Lendo e relendo a obra escrita do Cardeal Cerejeira, sobretudo as páginas redigidas a pensar nos seus padres, sentimo-nos tocados pelo amor paternal que as inspira e pelo odor espiritual que as perfuma.

O Cardeal Cerejeira dirigia-se aos seus padres como um pai e um santo. Sim, como um pai, embora com a sua personalidade e o seu carácter; e como um santo, embora com o seu temperamento e a sua espiritualidade. Era, sem dúvida, uma paternidade e uma santidade que nem a todos agradavam; mas elas foram uma constante, ao longo do seu episcopado, mesmo nas horas dolorosas da crise final. A comprová-lo, estão os textos que teve de escrever (cartas particulares ou mensagens públicas), durante a convulsão que, a partir de 1968, abalou o Clero do Patriarcado. Pense-se nas transformações por que houve de passar o Seminário dos Olivais, nas repercussões do caso de Belém e no mal-estar causado pelos padres que, em dado momento, se constituíram em grupo de pressão através do seu órgão *Tribuna Livre*. Sempre o Cardeal Cerejeira reagiu com uma delicadeza de alma e uma dignidade de sentimentos, de que só as almas grandes (digamos, os santos) são capazes³⁹.

7. Pela liberdade político-social do Clero

Já aqui foi referido aquele propósito do Cardeal Cerejeira, de levantar o prestígio do Clero, aos seus próprios olhos e no conceito público⁴⁰.

Ele sonhou, desde o princípio do seu pontificado, com um tipo novo de padre: o padre politicamente isento, socialmente prestigiado, evangelicamente santo e pastoralmente generoso. Para tanto, queria que os seus padres dessem claro testemunho de santidade. Mas isso não bastava. Nem sempre a conversão do coração anda a par da transformação da mentalidade. Tornava-se urgente infundir nos espíritos um novo modo de entender a missão e a dignidade do Clero diocesano, a começar pelos seus membros.

Para influenciar e captar os de fora, o Cardeal Cerejeira serviu-se da sua vasta cultura universitária, da sua notável forma-

³⁹ Veja-se adiante, n.º 7.

⁴⁰ Ver *In Memoriam*, 44.

ção teológica, da sua sensibilidade cristã, da sua requintada arte literária e da sua permanente actualização doutrinal. Ele mesmo classificou a sua obra pastoral escrita como sendo obra de «apostolado humanístico», numa atenção constante aos acontecimentos e apelos da vida da Igreja e do mundo ⁴¹.

Para actuar nos próprio membros do Clero, o Prelado transformou os seus múltiplos encontros com os sacerdotes em verdadeira escola de formação permanente: conferências nos retiros; mensagens por ocasião do aniversário da eleição para o Patriarcado; e, já nos últimos anos, as intervenções nas reuniões de sacerdotes, como foi a famosa e corajosa Assembleia do Clero, em Setembro de 1966, bem como nas sessões do Conselho Pastoral de Março e Julho de 1969 ⁴².

A análise comparativa dos textos de que dispomos permite concluir que, nestas mensagens aos seus prelados, o Cardeal Cerejeira, numa primeira fase (digamos, durante a primeira década do seu pontificado), insistia preferencialmente no tema da santidade sacerdotal; depois, a partir da Concordata de 1940, reflectia predominantemente sobre diversos problemas sócio-políticos, de interesse para a acção pastoral do Clero, tais como: a Igreja no regime concordatário (1941), a Igreja e a Ordem Nova (1942), a Igreja e o Estado Novo (1946), o Padre e as exigências do momento (1948 e 1949); por fim, nos últimos anos, quando se começa a sentir um progressivo mal-estar, quanto à identidade eclesial e ao estatuto social do Clero, fixava-se deliberadamente em problemas de clara incidência eclesial e sacerdotal, tais como as «misérias» da Igreja (1955), as desilusões sacerdotais (1957), a autenticidade sacerdotal (1959), a reforma sacerdotal (1960), e as relações do Presbitério com o seu Bispo (1969).

Uma vez que já apresentámos o pensamento do Cardeal Cerejeira sobre a santidade do Clero diocesano, prestemos agora atenção ao cuidado que punha na formação social dos seus padres.

A vertente sócio-política do pensamento de D. Manuel Gonçalves Cerejeira não é questão pacífica. Há quem pense que a sua íntima convivência com o fundador do «Estado Novo», desde os

⁴¹ *Ibid.*, 46.

⁴² Ver referência a esta Assembleia do Clero do Patriarcado em *OP* VII, 255 ss.

tempos de Coimbra, o impediu de ser mais lúcido e mais corajoso na sua doutrinação. Não há que negá-lo: o paralelismo do destino destes dois homens teve um denominador comum: a vontade de restaurar; um, a Igreja; o outro, o Estado.

A coincidência formal nos objectivos de ambos, no quadro de uma grande amizade, era uma tentação para cedências mútuas. Mas daí a pretender-se que Manuel Gonçalves Cerejeira tenha avaliado a obra do seu amigo António de Oliveira Salazar vai uma grande distância.

Aliás, parece que nem tudo terá sido harmonioso entre ambos, a julgar por alguns incidentes que vieram a público⁴³.

Uma coisa é certa: Ele mesmo afirmou que a hierarquia nunca se pronunciou oficialmente sobre o regime então vigente no País: nem o aprovou, nem o condenou⁴⁴.

Mas, para o nosso intento, mais importante é reconhecer que o Cardeal Cerejeira se empenhou, sobretudo, em libertar os seus padres dos compromissos de uma intervenção política directa. A divisão do Clero, por motivo de questiúnculas político-partidárias desde o liberalismo do século passado, era uma chaga ainda demasiado viva para ser esquecida.

Lê-se numa «Carta Pastoral» de 1935: «Entre nós há muito que o Clero secular — é forçoso reconhecê-lo — anda decaído. Ele mesmo, por culpas que não eram só dele (bastava a política, que o trazia acorrentado, para o abastardar), tem parecido resignar-se a tal conceito deprimente. Nem sempre pôs suficientemente alto o seu ideal ...».

E mais adiante: «A maneira eficaz de reconquistar todo o prestígio que, para bem da Igreja e de Portugal, precisa de gozar, está em impor-se pela santidade e por uma cultura superior»⁴⁵.

O Cardeal Cerejeira sabia, por experiência pessoal, que certas forças políticas e ideológicas não desistiam de alimentar, no País,

⁴³ Cf. R. C. M., «Um esboço de 'apologia pro vita sua'. O Cardeal Cerejeira», in *Voz Portucalense*, de 22 Dez. 1977.

⁴⁴ Alocução ao Clero sobre «A situação da Igreja em Portugal»: *OP V*, 167.

⁴⁵ *Carta Pastoral sobre o problema do Clero*, de 8 Dez. 1935: *OP I*, 167. D. Manuel Gonçalves Cerejeira não gostava do apelativo de «secular» para designar o Clero diocesano. Também aqui se valia da autoridade do Cardeal Mercier para justificar a sua preferência pelo qualificativo de «episcopal» (*loc. cit.*).

a campanha contra o Clero. E também sabia que essa campanha do anticlericalismo tinha, no fundo, causas políticas, pois, conforme dizia Ele aos seus padres, em 1932, «não falta quem veja em vós os esbirros espirituais de todas as situações políticas apoiadas na força»⁴⁶.

Recomendando-lhes que fizessem sua a «política do padre-nosso», convidava-os a darem prova de uma total isenção política, sem compromissos com ninguém: nem com os homens do poder (o mastro mestre da barca de Pedro não deve ser arvorado no carro glorioso do último triunfador); nem com os homens da oposição (os que acusam os sacerdotes de aliados de outros querem arrastá-los para as lutas políticas ligando-os ao seu partido)⁴⁷. O objectivo era este: que o padre fosse padre, cada vez mais padre, só padre⁴⁸. Mãos erguidas para o Céu não podem deixar-se ligar «com cadeias de partidos humanos»⁴⁹.

Esta foi a doutrinação constante do Cardeal Cerejeira, nas suas mensagens ao Clero⁵⁰.

Não a julgemos apenas à luz dos desenvolvimentos posteriores: uns de carácter doutrinal, como os textos do Vaticano II e as encíclicas que se lhes seguiram; outros de cariz político, como o desmoronamento do anterior regime e o advento da democracia pluralista. Não pequemos contra a história perdendo o sentido do tempo. As pessoas, os factos e as doutrinas, tudo deve ser julgado à luz da sua circunstância temporal, como diria Ortega y Gasset.

Sem deixar de reconhecer que se poderia ter ido mais longe na doutrina sobre a acção político-social dos sacerdotes, é caso para perguntar se a serenidade com que o Clero de Lisboa encarou a convulsão do 25 de Abril não constitui a melhor prova da razão que assistia ao seu Prelado, para os convidar a um claro distanciamento das vicissitudes da política ...

⁴⁶ *Carta ao Clero sobre acção política e social*, de 18 Nov. 1932: *OP I*, 93.

⁴⁷ Doc. cit., 94.

⁴⁸ *Alocução ao Clero*, de 18 Nov. 1948: *OP IV*, 203-204. Ver também: *alocução ao Clero sobre «Algumas tentações do nosso tempo»*, de 29 Nov. 1953: *OP IV*, 241; *alocução ao Clero sobre «Reforma sacerdotal»*, de 18 Nov. 1960: *OP VI*, 59-61.

⁴⁹ *Carta ao Clero sobre acção política e social*, de 18 Nov. 1932: *OP I*, 94.

⁵⁰ Entre outros documentos, ver a *alocução ao Clero*, de 18 Nov. 1948: *OP IV*, 199-209 (especialmente 207-208).

Mas é um facto, não há que negá-lo: o Cardeal Cerejeira descrevia da política, pelo perigo de ela confundir o Reino de Deus com o reino do mundo. Não foi por acaso que Ele procurou acautelar os padres do que designou «a tentação político-social»⁵¹. Se o era para todo o cristão, quanto mais para o padre! ... Trata-se, sem dúvida, de uma maneira demasiado pessimista de ver a acção política, apesar da radical ambiguidade que lhe é inerente. O Concílio adoptará uma perspectiva mais optimista⁵².

Os analistas do pensamento teológico dos meados do séc. XX terão motivos para afirmar que D. Manuel Gonçalves Cerejeira perfilhava uma teologia, mais de Redenção que de Encarnação; mais de Transcendência que de Imanência; mais de Escatologia que de História. Mas que mal vai nisso? Também aqui, há lugar para um sã pluralismo teológico⁵³.

8. O Presbitério com o seu Bispo

Vamos terminar esta pesquisa sobre o Cardeal Cerejeira e os problemas do Clero, com uma referência ao seu pensar sobre um tema que sempre lhe foi muito querido: a relação entre o Bispo e o seu Presbitério.

No já referido «caderno íntimo», lê-se que um dos pontos do seu programa de acção pastoral seria criar um novo estilo nas relações do Bispo com os sacerdotes; estas deviam ser «mais pessoais, mais fraternas, mais confiantes, mais frequentes»⁵⁴.

Logo na «Saudação ao Clero» por ocasião do primeiro aniversário da sua eleição, o novo Patriarca se alonga na meditação sobre os laços que unem o Bispo aos sacerdotes: «Vós fostes-nos dados todos pelo Senhor, como *cooperadores* na obra do Nosso apostolado; estais estreitamente *associados* connosco no Nosso sacerdócio; *unidos a Nós*, fazemos todos um só no Senhor»⁵⁵.

⁵¹ Alocução ao Clero sobre «Autenticidade sacerdotal», de 18 Nov. 1959: *OP V*, 196-199. Na mesma ordem de ideias, alguns anos antes denunciara «a tentação da encarnação temporal» (alocução ao Clero de 29 Nov. 1953: *OP IV*, 241-242).

⁵² Cf. Const. Pastoral *Gaudium et Spes*, n.ºs 39 e 43.

⁵³ Cf. R. AUBERT, *La Théologie Catholique au milieu du XX^e Siècle*, Casterman, 1954, 65-70. Ver também G. THILS, *Théologie des Réalités Terrestres*, t. I: *Préludes*, Desclée de Brouwer, 1946.

⁵⁴ Ver *In Memoriam*, 44.

⁵⁵ *OP I*, 34 ss.

Dá-se aqui o tom para uma melodia que se fará ouvir, em crescendo contínuo, até aos últimos momentos da sua missão no Patriarcado. Conforme as circunstâncias, ora se insiste na unidade de toda a família sacerdotal⁵⁶, constituída por todo o Clero, diocesano ou religioso, com o Bispo⁵⁷; ora se exalta a necessidade de cooperação entre o Bispo e os seus sacerdotes⁵⁸; ora — já à luz dos textos conciliares — se aprofunda a natureza sacramental e ontológica dessa união do Bispo com os Presbíteros⁵⁹, a qual pode exprimir-se, no aspecto gramatical, com o simples monossílabo «nós»⁶⁰, e se deve manifestar, no plano jurídico, com a criação e o funcionamento do Conselho Presbiteral⁶¹; ora, finalmente, de ouvidos atentos a vozes de contestação, se alerta para o perigo da desintegração do Clero, com repercussão na compreensão do valor da obediência pastoral⁶².

Esta crise da obediência pastoral não se pode separar da crise mais geral que avassalou diversos sectores da Igreja na década de sessenta, em coincidência com a celebração do Concílio Vaticano II, e que se reflectiu de modo particular no Clero, levantando o problema da identidade pessoal, humana e cristã, do sacerdote, e do seu estatuto na sociedade e na Igreja.

A crise foi singularmente violenta e tragicamente desastrosa, no Patriarcado. Recordemos: o triste caso da Paróquia de Belém, em 1968; a convulsão por que passou o Seminário dos Olivais, no princípio do ano lectivo de 1968-69; as reuniões contestatárias dos Padres da *Tribuna Livre*, em 1969; a multiplicação de actos de indisciplina eclesiástica, a culminar na farsa de «eucaristias» para o

⁵⁶ *Carta ao Clero sobre acção política e social*, de 18 Nov. 1932: OP I, 89-90.

⁵⁷ Alocução sobre «A unidade do Clero», de 18 Nov. 1951: OP IV, 221-224.

⁵⁸ *Ibid.*, 224-227. Ver também a alocução sobre a «Autenticidade sacerdotal», de 18 Nov. 1959: OP V, 191-194.

⁵⁹ *Mensagem do Episcopado ao Clero Diocesano e Religioso*, 25 de Junho 1966: OP VII, 20-25. Ver também *A Crise da Igreja* (1969), 30-31.

⁶⁰ *Mensagem do Episcopado ...*: OP VII, 19.

⁶¹ *Ibid.*, 25-27. Ver também *A Crise da Igreja*, 35-36. O Conselho Presbiteral do Patriarcado foi criado por Decreto de 18 Nov. 1967 e teve a primeira reunião em 19 Dez. do mesmo ano.

⁶² *A Crise da Igreja*, 32-33.

casamento dos próprios celebrantes⁶³. E assim se perderam tantas dezenas de padres, — cultos, generosos e entusiastas! ...

O Cardeal Cerejeira tinha consciência da gravidade da situação. Sem enjeitar alguma dose de responsabilidade pessoal no arrastamento da crise⁶⁴, mostrou que era capaz de encarar de frente os problemas que provocavam o mal-estar do Clero, ao equacioná-los, com o possível realismo, em palestras feitas ao Conselho Presbiteral, nesse devastador ano de 1969⁶⁵.

Problemas candentes, como o estatuto social do padre⁶⁶, a sua profissionalização civil⁶⁷, a questão do celibato⁶⁸, o direito ao compromisso político e social⁶⁹; numa palavra, a tentação, como então se dizia, de «desclericalizar» o sacerdote, destruindo o clero como grupo com um estilo particular de vida⁷⁰: de tudo falou o Cardeal Cerejeira aos seus padres, apoiado na doutrina do Concílio e no parecer de nomes prestigiados, que lá fora se faziam ouvir, no meio da convulsão geral⁷¹.

Por detrás da pretensão de *desclericalizar*, ou *des-sacralizar*, ou *desmitificar* os ministros da Igreja⁷² — problema, em si, de ordem aparentemente sociológico —, o Pastor via mais longe: via o perigo de «descristificar» o padre, desfigurando-o, ou melhor, destruindo-o no plano ontológico, que é aquele em que se situa a consagração sacramental dos sacerdotes do Novo Testamento⁷³.

⁶³ Ver: *Mensagem ao Clero e Fiéis do Patriarcado sobre o Seminário dos Olivais*, de 13 Out. 1968: OP VII, 271-275; *Carta Pastoral ao Clero do Patriarcado*, de 22 Jan. 1969: OP VII, 43-72 (especialmente 50-54); documento sobre *Actividades marginais do Clero*: OP VII, 287-293; e outros documentos de divulgação limitada.

⁶⁴ *A Crise da Igreja*, 29, 31-32.

⁶⁵ *Op. cit.*, 39 ss.

⁶⁶ *Op. cit.*, 39-41.

⁶⁷ *Op. cit.*, 41-43.

⁶⁸ *Op. cit.*, 43-45.

⁶⁹ *Op. cit.*, 45-47.

⁷⁰ *Op. cit.*, 39, 51-52.

⁷¹ Nestas suas reflexões ao Conselho Presbiteral, o Cardeal Cerejeira cita frequentemente um estudo de Mons. Ancel sobre a inserção do padre no mundo, com base no texto publicado em *La Documentation Catholique*, n.º 1537 (6 de Abril de 1969).

⁷² *A Crise da Igreja*, 39, 52.

⁷³ *Op. cit.*, 52 ss.

9. Um Bispo que foi Amigo do seu Clero

Quis a Providência Divina que D. Manuel Gonçalves Cerejeira terminasse a sua missão episcopal na Diocese de Lisboa, numa dolorosa situação de crise.

Procurara ser um bispo a sério. Empenhara-se na construção de novos seminários — casas novas com espírito novo. Esforçara-se pela revitalização espiritual e pela organização apostólica do laicado. E, sobretudo, sonhara com a formação de um tipo novo de padre — sacerdotes devotamente piedosos, angelicamente puros, exemplarmente desprendidos, politicamente isentos, socialmente prestigiados, apostolicamente zelosos e pastoralmente dinâmicos; ... e eis que tão lindo sonho parece desfazer-se, de repente, depois de tantos anos de trabalhos, e de alegrias e de esperanças.

Imagino-o eu, como Agostinho de Hipona, com os vândalos às portas da cidade. Depois de viver a experiência de uma Igreja apoiada nas instituições de um império que parecia invencível, o grande Doutor e Bispo procurou na fé a certeza de que os cataclismos da história, mesmo os da história da Igreja, podem ser berço de um mundo novo, em que a «Cidade de Deus» sai sempre vencedora. Também assim o entendeu o Cardeal Cerejeira. (É a lei do Mistério Pascal). Disso é prova o que escreveu, no auge da crise, pouco antes da sua retirada para a paz da Casa de Retiros da Buraca:

«Tenho às vezes a impressão de um desmoronamento sobre mim, mas creio que é antes mistério primaveril de renascimento»⁷⁴.

É com tão bela lição de esperança cristã que terminamos esta evocação de D. Manuel Gonçalves Cerejeira como mestre na arte de formar sacerdotes.

Com esta linda lição de esperança, do final da sua vida, e com a não menos bela lição de amor aos padres, de toda a sua vida, teçamos a coroa de glória que é devida Aquele que deixou no seu testamento: «Gostaria de ter merecido este título: um bispo que amou o seu clero»⁷⁵.

⁷⁴ Carta sobre *Actividades «marginais» do Clero*, de 10 Nov. 1969: OP VII, 293.

⁷⁵ Opúsculo *In Memoriam*, 56.

... Mas Ele mereceu tão nobre título! Comprova-o, no presente, a vida digna de tantos Padres que Ele deu à Diocese. Documenta-o, para o futuro, a legenda gravada no pedestal do seu busto, à entrada deste Seminário: «A D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Pai e Amigo do seu Clero»⁷⁶.

João António de Sousa
Av. Gomes Pereira, 61 - 4.º Dt.º
1500 LISBOA

⁷⁶ É o Seminário Maior Patriarcal dos Olivais. Aqui decorreu a homenagem do Clero do Patriarcado a D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a 29 de Novembro de 1988 (centenário do seu nascimento), após solene concelebração na Sé de Lisboa.